

# PRIMÓRDIOS DA EXTENSÃO RURAL PARANAENSE

---

*Beginnings of Rural Extension in the state of Paraná, Brazil*

*Comienzos de la Extensión Rural en el estado de Paraná, Brasil*

Hugo Moura Tavares<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo resgatar os primórdios da extensão rural paranaense. Não tem a pretensão de ser um estudo crítico da história do extensionismo rural, mas, apenas, destacar alguns fatos e práticas desta modalidade educativa. Dentre eles, a criação do Escritório Técnico de Agricultura, ETA 15, o trabalho com as famílias dos agricultores, com os jovens, com as cooperativas e as estratégias de comunicação utilizadas.

*Palavras-chave:* extensão rural; extensão rural paranaense; escritório técnico de agricultura; cooperativas rurais.

## ABSTRACT

This article aims to rescue the beginnings of agricultural extension of Paraná. It is not intended to be a critical study of the history of outreaching rural, but only to highlight some facts and practices of this type of education. Among them, the creation of the Technical Office for Agriculture, ETA 15, working with farm families, with youth, with cooperatives and communication strategies used.

*Keywords:* Agricultural extension; agricultural extension of Paraná; technical office for agriculture; rural cooperatives.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo rescatar a los inicios de extensión agrícola en el Estado de Paraná. No pretende ser un estudio crítico de la historia de contactos directos rurales, pero sólo para poner de relieve algunos hechos y las prácticas de este tipo de educación. Entre ellos, la creación de la Oficina Técnica de Agricultura, ETA 15, trabajando con las familias de agricultores, con los jóvenes, con las cooperativas y las estrategias de comunicación utilizadas.

*Palabras-clave:* extensión rural; extensión rural en Paraná; oficina técnica del cultivo; cooperativas rurales.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História, UFPR. Rua Nostradamus, 138, fone 3350-9957, hugomour@yahoo.com.br

No Brasil, a atividade extensionista rural, de maneira mais sistematizada, teve como marco o surgimento da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária em Viçosa, Minas Gerais. Fundada em 1928, pelo norte-americano Peter Henry Rolfs, foi pioneira na prática do extensionismo no Brasil. Em 1930, instituiu a Semana do Fazendeiro na qual os agricultores e esposas recebiam, em Viçosa, aulas práticas com demonstrações de métodos em assuntos agropecuários e economia doméstica. Esses cursos eram cuidadosamente reunidos em folhetos e divulgados através de *circulares de extensão*.

Na década de 1940, três experiências desenvolvidas pelo Ministério da Agricultura, com o apoio dos órgãos estaduais, merecem destaque: as Semanas Ruralistas, os Postos Agropecuários e as Missões Rurais.

As Semanas Ruralistas eram palestras e demonstrações práticas ministradas por técnicos que se deslocavam para o interior dos Estados com o intuito de transmitir seus conhecimentos ao povo rural.

Os Postos Agropecuários eram pequenas fazendas-modelo nas quais equipes formadas por no mínimo um agrônomo e um veterinário procuravam prestar assistência aos agricultores da região servida pelo Posto. Mudanças, sementes selecionadas e reprodutores podiam ser doados, emprestados ou vendidos aos agricultores.

Desenvolvidas a partir de 1949, as Missões Rurais envolviam os Ministérios da Agricultura, Educação e Saúde. Formadas por equipes interdisciplinares compostas por agrônomos, médicos, sociólogos, psicólogos e assistentes sociais tornaram-se verdadeiras caravanas de assistência rural. Porém, “duraram pouco e foram das mais onerosas e pouco úteis experiências visando ajudar as famílias rurais. As Missões Rurais morreram antes da idade do uso da razão”.<sup>2</sup>

Paralelamente a essas experiências, merecem destaque duas realizadas em 1948,

<sup>2</sup> OLINGER, Glauco. *Ascensão e decadência da extensão rural no Brasil*. Florianópolis: EPAGRI, 1996, p.46.

que iriam mudar a história da extensão rural no Brasil: o Programa Piloto de Santa Rita do Passa Quatro em São Paulo e a fundação da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) em Minas Gerais. Ambas intermediadas pela American International Association for Economic and Social Development (AIA), uma instituição filantrópica criada nos Estados Unidos pelos irmãos Nelson e David Rockefeller e que atuava em vários países latino-americanos.

O programa desenvolvido em Santa Rita do Passa Quatro abrangia

assuntos de agropecuária e economia doméstica e tinha por objetivo aumentar a produção, a produtividade e a renda das famílias rurais, garantindo-lhes um melhor nível de vida. Marcos [engenheiro agrônomo responsável] adotava, como processo pedagógico, a metodologia educativa da extensão.<sup>3</sup>

Em 1946, o Estado de Minas Gerais vivia um período de dificuldades econômicas. Seu novo governador eleito, tendo consciência dos problemas e procurando superá-los, elaborou um Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção. O plano propunha uma série de medidas que priorizavam todas as atividades econômicas e, dentre elas, as agropecuárias. Em resumo, havia a consciência de que o êxodo rural estava comprometendo seriamente a produtividade agrícola mineira e que a efetivação de propostas concretas nesta área refletiria na economia do Estado. Nesse contexto, o governo mineiro encontrava-se extremamente receptivo à cooperação daqueles que pudessem oferecer apoio técnico e financeiro para a solução dos seus problemas. Em 6 de dezembro de 1948, era firmado um convênio entre o Governo de Minas Gerais e a AIA, criando a Associação de Crédito e Assistência Rural, que iniciou suas atividades em janeiro de 1949:

<sup>3</sup> OLINGER, Glauco. *Ascensão...*, p. 47.

Em princípios de 1949, um punhado de brasileiros e de norte-americanos, especialistas em agricultura e em economia doméstica, empreendeu uma nova tarefa em três comunidades rurais do centro e do sul de Minas Gerais.

Seis destes técnicos – jovens brasileiros – fizeram residência nessas pequenas cidades. Os especialistas norte-americanos iniciaram uma série ininterrupta de viagens entre esses vilarejos e o escritório central de Belo Horizonte, indicando as diretrizes e preparando uma expansão do programa.

Sua tarefa: levantar o nível de vida rural em Minas Gerais.

O método: ajudar a população rural a ajudar a si própria.

Os instrumentos: crédito aos pequenos lavradores, assistência técnica, ensino coletivo – ministrado em cada comunidade por um agrônomo e por uma supervisora doméstica.

Esta pequena equipe constituiu o núcleo a partir do qual a Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) iniciou sua ação.<sup>4</sup>

Tanto o Programa desenvolvido em Santa Rita do Passa Quatro bem como os levados a cabo pela ACAR de Minas Gerais, repercutiram nacionalmente, influenciando a criação de experiências semelhantes em outros Estados. Foi assim que surgiu no Nordeste, em 1954, a Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural-ANCAR e no Rio Grande do Sul, em 1955, a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural-ASCAR.

Em 1956, com o objetivo de coordenar os Serviços de Extensão Rural no país, foi criada a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural-ABCAR.

Ainda na década de 1950, os governos brasileiro e americano assinavam o Acordo Geral de Cooperação Técnica que previa uma cooperação recíproca de intercâmbio de métodos,

conhecimentos técnicos e atividades afins. Em consequência desse Acordo Geral, em 1953, foi assinado um convênio com o governo americano criando, com sede no Rio de Janeiro, o Escritório Técnico de Agricultura - E.T.A. - com a missão de desenvolver projetos “em educação e pesquisas agrícolas de conservação de recursos naturais, de fomento da produção agrícola, incluindo o planejamento de armazéns e silos e, finalmente, da extensão rural”.<sup>5</sup>

O Paraná acompanhou a tendência nacional. Em 1951, por exemplo, o governo do Estado afirmava que a assistência ao trabalhador rural era um dos pontos fundamentais do plano de governo, pois não havia “em todo o Brasil, oportunidade melhor que a hora vivida pelo Paraná em suas zonas rurais para o início dessa assistência”.<sup>6</sup>

Reconhecendo os benefícios trazidos pelos serviços de Extensão Rural, o governo estadual programou uma série de medidas visando à melhoria das condições de vida da população rural, tais como a criação da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, a implantação das Casas Rurais, a lei do Fundo de Equipamento Agropecuário, dentre outras.

A Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, nesse período, era a principal organização voltada para o agricultor, desenvolvendo uma série de atividades como cursos (horticultura, corte e costura, habilidades domésticas e trabalhos manuais), ensinamentos religiosos, morais e cívicos, alfabetização, higiene, recreação e assistência técnica. Oferecia crédito para a aquisição de sementes, pequenas máquinas, adubos, inseticidas, fungicidas e meios de transporte. Prestava assistência veterinária, jurídica,

4 MINAS GERAIS. ACAR. Relatório 1950/51, p.3. Citado em DA FONSECA, Maria Teresa Lousa. A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital. São Paulo: Edições Loyola, 1985, p. 82.

5 RELATÓRIO. The Avail Development of Brazil's Cooperative Agriculture Extension Service, p.2. Citado em DA FONSECA, Maria Teresa Lousa. A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital. São Paulo: Edições Loyola, 1985, p. 87.

6 Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da sessão legislativa ordinária de 1957 pelo Senhor Bento Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba – Paraná, 1951. p. 6.

médica, organizava Semanas Ruralistas e dirigia Clubes Agrícolas.

Foi nesse contexto, que no dia 20 de janeiro de 1956, foi assinado um contrato, com a duração de cinco anos, entre

a Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural do Estado do Paraná, o Departamento de Fronteiras do Estado do Paraná e o Escritório Técnico de Agricultura com o fim especial de aumentar a produtividade e obter melhores condições de vida para a população rural do Estado do Paraná, usando os métodos de Extensão, Economia Doméstica e Crédito Supervisionado.<sup>7</sup> Estava criado o ETA, Projeto número 15.

Para diretor do Projeto foi designado o Doutor Lívio Luiz de Almeida que junto com a sua primeira equipe de supervisores, “constituída de 11 moças e 9 agrônomos, pode iniciar a instalação de sete escritórios locais. Três foram localizados na região extremo-oeste, os outros quatro, na região centro-sul.”<sup>8</sup>

Vários eram os obstáculos para desenvolver o programa de trabalho e, dentre eles, o fato de que os métodos utilizados – extensão rural e economia doméstica – eram pouco difundidos no Paraná. Estabelecer um trabalho de campo que superasse a assistência e o fomento então vigentes bem como treinar o pessoal técnico envolvido foram os primeiros desafios do ETA 15.

Cada escritório local atendia um ou mais municípios próximos. A equipe mínima era composta por um extensionista rural, uma extensionista de economia doméstica e um ou uma auxiliar de escritório. As instalações eram simples e, na concepção vigente, o bom exten-

sionista não era aquele que ficava no Escritório, mas o que estava no campo com o agricultor.

O primeiro Escritório Central do ETA Projeto 15 foi instalado na Rua José Loureiro, 307. Essa casa (já demolida), construída por volta de 1929, foi projetada pelo escultor paranaense João Turin, a pedido do então renomado médico local, Bernardo Leinig.

Lívio Luiz de Almeida, após regressar do período de treinamento em Ipanema (Projeto n.º 06), onde foi formada a primeira turma de Supervisores, constituída de 11 economistas domésticas e 9 agrônomos, pode iniciar a instalação dos primeiros sete escritórios paranaenses. Três foram localizados na região extremo-oeste, os outros quatro, na região centro-sul, em Toledo, Foz do Iguaçu, São Mateus do Sul, Rebouças, Prudentópolis, Campo Largo e União da Vitória.<sup>9</sup>

Em 1957, o ETA possuía 10 escritórios locais nos municípios de Campo Largo, Campo Mourão, Foz do Iguaçu, Pato Branco, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, São Mateus do Sul, Toledo e União da Vitória.

O Escritório Técnico de Agricultura – E.T.A. n.º 15 tinha como objetivos:

- a. Prestar assistência técnica aos lavradores e criadores nos moldes de um serviço de extensão;
- b. auxiliar os agricultores no levantamento da sua situação organizando planos para melhorar o aproveitamento de seus recursos;
- c. orientá-los tecnicamente na execução desses planos;
- d. instruí-los como obter crédito;
- e. supervisionar uso do crédito;
- f. orientá-los na colocação dos seus produtos;
- g. promover a organização de sociedades de classe e atividades sociais;
- h. assistir às famílias dos agricultores em economia doméstica;
- i. treinar agrônomos, veterinários e supervisoras domésticas para execução desses trabalhos;

7 DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba 12 jun. 1956, p. 5.

8 ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA BRASIL-ESTADOS UNIDOS. Relatório de atividades 1956. Rio de Janeiro, 1956.

9 Os técnicos responsáveis eram, respectivamente, Divon Scarpin, Waldomiro E. Cezar Valeixo, Nelson, Kochinski Hasselmann, Francisco Gouveia, José Augusto Wronski, Álvaro Albano Sandoval e Ivo Hauer.

- j. manter estreita ligação entre os agricultores e os serviços técnicos oficiais de forma que aqueles se beneficiem da assistência deste;
- k. promover a obtenção de informações que permitam a apuração das necessidades da agricultura e dos progressos conseguidos;
- l. manter um programa de propaganda áudio-visual;
- m. executar outros trabalhos que forem julgados necessários pelas Partes Contratantes.<sup>10</sup>

Os objetivos, seguindo o modelo nacional eram, para a realidade local, no mínimo audaciosos. Para alcançá-los iniciou-se um programa nacional de capacitação que tinha como base os Centros de Treinamento.

A extensão rural, pelas suas próprias características e, sobretudo, por utilizar métodos de trabalho baseados em princípios próprios, necessitava de pessoal especializado e altamente treinado. Tendo em vista a necessidade de um treinamento adequado, capaz de preparar o seu pessoal técnico para a execução de um trabalho repleto de problemas e de características inteiramente diferentes de outros sistemas assistenciais, é que foram desenvolvidos o Pré-serviço e os Centros Regionais de Treinamento.

Um dos primeiros e mais importantes Centros de Treinamento criados foi o da fazenda Ipanema, em Sorocaba (SP), que funcionou de 1955 a 1964. Seu corpo de instrutores era formado por norte-americanos especialistas em extensão rural e crédito rural educativo, e brasileiros que ministravam os cursos mais aplicados à agropecuária. Os primeiros extensionistas realizavam seus primeiros pré-serviços nessa instituição e os agentes paranaenses do Projeto n.º 15 não foram exceção:

Após uma seleção foi realizado um treinamento de cerca de três meses em Sorocaba na Fazenda Ipanema, do Ministério da Agricultura, do qual participavam além dos agrônomos

também as moças que iriam prestar orientações às donas de casa do meio rural. Nesse “Pré-Serviço” contamos com a orientação de grande número de técnicos norte-americanos, funcionários do ETA (Escritório Técnico de Agricultura). A maioria das aulas era através de tradução simultânea. Nesse período tomamos conhecimento da filosofia da Extensão Rural.

Após os três meses retornamos, os futuros extensionistas, à Curitiba onde já encontramos a primeira sede do ETA – Projeto 15, à Rua José Loureiro, 307.<sup>11</sup>

Após uma seleção prévia na Secretaria de Agricultura, foi escolhido o primeiro grupo de engenheiros agrônomos e economistas domésticas para realizarem o primeiro Pré-Serviço na Fazenda Ipanema em São Paulo. O agrônomo Rubens de Moura Rezende assim recordou o fato:

...pegar um técnico recém-saído ou já formado na escola e dar para ele noções do que era a extensão rural, como funcionava a extensão rural, sabe, que não era apenas um fomento. Então com toda aquela tecnologia americana, e já com tecnologia brasileira das experiências do Nordeste e de Minas, foi feito um primeiro pré-serviço para o pessoal do Paraná.

Fui um dos escolhidos para fazer parte desse grupo que ia fazer o pré-serviço lá na fazenda Ipanema. Não sabíamos nada como é que era o serviço, não tínhamos idéia e fomos pra poder receber a informação do que era a extensão rural, do que é que se tratava, qual era a filosofia do trabalho, o que nós devíamos evitar, o que nós devíamos enfatizar, pra fazer um serviço novo, completamente novo.

A parte teórica era a mesma para os “moços e moças”. A parte de filosofia, do trabalho, tudo isso, as turmas eram

10 DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba 12 jun. 1956, p. 5-6.

11 REZENDE, Rubens de Moura. Depoimento ACARPA. A História que a Extensão Conta. Curitiba: Assessoria de Relações Públicas e Imprensa, 1981. (sem paginação)

juntas, agora, naturalmente, na parte de economia doméstica elas se separavam. Elas tinham uma aula sobre alimentação, melhoramento da alimentação da família, melhoramento da higiene da casa, a confecção de poço morto, não jogar resíduos da cozinha pela janela, fazer casinhas sanitárias, tudo isso elas tinham orientação, confecção de peças de roupa feita na casa com uma máquina de costura simples, fazer um colchão de palha com a palha que eles tinham de milho, tudo isso havia essa orientação. Era muito interessante esse serviço, mas a parte filosófica da extensão, o trabalho em si era em conjunto.

Acho que ninguém, ninguém da minha turma, tinha contato com o meio rural, realmente tivemos contato através do curso, do pré-serviço, e fomos enfrentar de peito aberto sem saber o que vinha pela frente.”<sup>12</sup>

Técnicos norte-americanos e brasileiros apresentaram a metodologia e as estratégias que marcariam os primeiros trabalhos da extensão rural: economia doméstica, juventude rural, clubes 4-S, demonstração de resultados, liderança no campo, comunicação rural, levantamento da realidade do município, entre outras. Toda a parte teórica era acompanhada de aulas práticas, como as de mecanização, conservação do solo, avicultura, pecuária e apicultura.

Os alunos e alunas eram avaliados durante o curso inteiro e deviam demonstrar para a turma e professores tudo o que aprendiam, no entanto não sabiam que estavam sendo avaliados constantemente. Ao final do intenso treinamento, a primeira turma de Supervisores, constituída de 11 moças e 9 agrônomos, estava preparada para instalar os primeiros escritórios no Paraná.

Na época do Projeto 15, o modelo de extensão proposto era o difusionista-inovador. Esse tinha como características principais a importância da experimentação, a valorização

<sup>12</sup> REZENDE, Rubens de Moura. Rubens de Moura Rezende. Curitiba, 26 jan. 2006. Entrevista concedida a Hugo Moura Tavares.

do tipo de trabalho exercido pelo supervisor e supervisora extensionistas, o caráter educativo do trabalho e a crença em alternativas comunitárias de autoajuda.

Extensão Rural era, na visão do momento, um empreendimento educativo assumindo características de ensino informal, isto é, “extramuros”. Para um extensionista qualquer lugar era um lugar de aprendizado e o importante era “ensinar a fazer fazendo”.

A base material do processo educativo era o núcleo familiar do agricultor. A família rural era a unidade sociológica a partir da qual se esperava a transformação. Assim, era de extrema importância para o sucesso do projeto convencer e comprometer todo o núcleo familiar.

Em 1957, o ETA 15 informava em seu relatório de atividades:

A educação já foi definida como sendo um processo que consiste em orientar a experiência de modo tal, que produza modificações nos conhecimentos, na habilidade e na atitude das pessoas. Óra é evidente, que a extensão rural visa precisamente esse objetivo, em razão do que é classificada como método educativo.

Há que convir, contudo, que não é fácil conseguir-se a alteração das atitudes, principalmente em pessoas adultas, particularmente no ambiente rural, onde tradicionalismo primitivo, longe de ser simplesmente conservador é na realidade profundamente rotineiro.

Por isso, dedica a extensão rural especial atenção à educação da juventude, eis que a mentalidade da criança ou do adolescente é essencialmente moldável e suscetível a aprender com muito maior facilidade, as evoluções e o progresso das atividades humanas.<sup>13</sup>

O ETA 15 iniciou seu trabalho extensionista tendo como foco a agricultura familiar ou, como era chamado na época, o pequeno agricultor. ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA BRASIL-ESTADOS UNIDOS. Relatório de atividades 1958. Curitiba, 1958.

tor. O principal método utilizado pelos técnicos e técnicas era a demonstração de resultados, não só pela sua natureza prática como por demonstrar ao agricultor que, em sua própria terra com seus próprios recursos, a sua produção podia ser aumentada e a sua vida familiar transformada.

Após realizar o Levantamento da Realidade Rural do Município os extensionistas partiam para a elaboração dos Programas de Trabalho que compreendiam uma série de projetos específicos. Em 1958, os principais programas eram Solo, Produção Agrícola, Rebanhos, Família Rural, Comunidade, Juventude Rural e Crédito Rural Supervisionado. Desenvolvendo projetos como os de correção e conservação do solo, adubação, seleção de sementes, mecanização agrícola, irrigação e drenagem e combate às pragas e doenças das plantas, armazenamento e a conservação da colheita, pretendia-se atender o agricultor de uma ponta a outra do processo produtivo.

A atuação do ETA Projeto 15 desenvolvia-se em regiões onde predominava fundamentalmente a atividade agrícola, sendo a criação de animais considerada apenas como atividade subsidiária, com exceção da suinocultura, bastante intensa, principalmente na região da Fronteira, onde possuía alta expressão econômica. O porco tipo banha, predominante antes da década de 50, passou a ser substituído pelo suíno tipo carne. O uso de ração balanceada, a famosa “ração ACARPA”, de água corrente e limpa, de instalações higiênicas, de controle sanitário acompanhados do manejo correto eram bases para o melhoramento da suinocultura.

Além das Demonstrações de Resultados também eram importantes as Unidades de Observação e as Unidades Demonstrativas. A necessidade de levar o sucesso dos resultados a um número maior de produtores incentivou a organização das feiras de produtores. As feiras tornaram-se um dos métodos utilizados para difundir as novas raças e aprimorar sua qualidade através dos cruzamentos.

A Demonstração de Resultados, o trabalho com as lideranças rurais e os Clubes 4-S eram importantes estratégias de divulgação do extensionismo rural. Com o objetivo de divulgar os resultados alcançados, incentivando as famílias rurais à adoção de novas e mais modernas práticas, foram incentivadas, ao mesmo tempo, as realizações de exposições, feiras e competições.

Em 1958, o ETA 15 informava:

Na localidade de General Rondon, foi levada a efeito, e estreita colaboração com a Prefeitura Municipal de Toledo e o Conselho de Desenvolvimento de Comunidades da Fronteira, a Primeira Exposição Agropecuária Industrial do Município de Toledo. O êxito assinalado pelo certame em causa, foi sem dúvida, uma demonstração flagrante, da influência exercida sobre a população rural daquele Município, pelo trabalho de extensão, que ali vem sendo desenvolvido desde meados de 1956. Não só o volume mas principalmente a qualidade dos produtos expostos, e ainda a extraordinária influência assinalada na exposição em causa, atestaram de forma eloqüente, a excelente receptividade assinalada naquela região, pelas práticas extensionistas, sendo de se ressaltar ainda, que a colonização da área em questão, data de apenas mais de dez anos.<sup>14</sup>

Seis anos mais tarde, em 1964, exposições e competições como as citadas acima começavam a se difundir pelas regiões atendidas pelos escritórios locais com apoio das autoridades locais e firmas comerciais. Além dos vários prêmios oferecidos, o agricultor que se destacasse recebia um diploma de “melhor agricultor do ano”.

As feiras e exposições eram ainda uma oportunidade de fazer negócios, conhecer novas

<sup>14</sup> ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA BRASIL-ESTADOS UNIDOS. Relatório de atividades 1958. Curitiba, 1958.

tecnologias e conseguir o apoio de importantes lideranças agrícolas, comerciais e agropecuárias. Mais do que um evento era o prolongamento do resultado do trabalho no campo.

Tendo como base a experiência norte-americana dos Clubes 4-H (Head, Heart, Health and Hands) e com o objetivo de orientar as atividades junto à juventude rural, foi criado um projeto específico denominado *Programa de Clubes 4-S* (Saber, Sentir, Saúde e Servir).

Os Clubes 4-S foram muito importantes na introdução de novas tecnologias já que, em várias ocasiões, o técnico conseguia convencer os pais agricultores a partir dos resultados que os filhos obtinham nos projetos dos clubes.

O ETA 15 deu início aos trabalhos iniciais com grupos de jovens em meados de 1958. Fundaram-se os Clubes 4-S formados por jovens de ambos os sexos, com idade entre 10 e 18 anos, tendo como símbolo um trevo de quatro folhas e por lema a frase “Progredir Sempre”.

O primeiro clube 4-S do Paraná foi fundado em 1º de outubro de 1958, em Campo Largo, e foi denominado Clube 4-S dos Pinheiros. Cada sócio 4-S devia executar um projeto individual de agricultura ou participar de um projeto coletivo.

No final do mesmo ano, o clube contava com 19 associados

...todos intensamente ativos e entusiasmados, dedicando-se particularmente à criação de Suínos, Apicultura e Hortas Domésticas, no que concerne aos membros do sexo masculino e melhoramentos do Lar, nutrição e vestuário, na parte relativa aos associados do sexo feminino.<sup>15</sup>

No clube eram realizadas reuniões de formação e planejamento, excursões, projeções de filmes, torneios esportivos, encontros culturais, comemorações cívicas e as demonstrações.

15 ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA BRASIL-ESTADOS UNIDOS. Relatório de atividades 1958. Curitiba, 1958.

Além de apresentar os resultados de um projeto desenvolvido, as demonstrações deveriam influenciar a mudança das técnicas de trabalho e produção dos agricultores.

Nesta época, na concepção dos extensionistas rurais, o trabalho deveria ser desenvolvido nas famílias e entre as comunidades familiares a partir do incentivo ao Cooperativismo. Em 1957, o ETA 15 afirmava:

A atuação educacional da extensão rural, não visa o homem como simples unidade de produção, ou apenas como indivíduo isolado, mas sim, como participante de uma comunidade, onde possui responsabilidades e para cujo bem estar deve influir e colaborar, o que, evidentemente, requer uma organização específica, que embora sem características formais, venha disciplinar e regular as relações do indivíduo com a sua comunidade, e desta com os indivíduos que a constituem.

...os supervisores do Escritório Técnico de Agricultura – Projeto n.º 15, procuram com todos os meios ao seu alcance, desenvolver uma intensa ação educativa, visando despertar e desenvolver o espírito comunitário, ressaltando os aspectos de relações de vizinhança, conceitos de civismo, cidadania e democracia, e a sua conseqüente aplicação: o desenvolvimento da comunidade, cooperação com as organizações cívicas, educativas, recreativas, agrícolas, cooperativistas, etc. e ainda princípios de justiça e compreensão mútua.<sup>16</sup>

A experiência cooperativista no Paraná data de pelo menos o final do século XIX e início do XX, onde se destacam os trabalhos do agrônomo ucraniano Valentin P. Cuts. Até a promulgação da Lei 22.239, em 1932, várias foram as cooperativas que surgiram no Estado sendo que uma das pioneiras foi a Sociedade Cooperativista de Consumo Svitlo (luz em ucraniano)

16 ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA BRASIL-ESTADOS UNIDOS. Relatório de atividades 1957. Curitiba, 1957.



fundada em 1920, na localidade de Carazinho, comarca de União da Vitória.

Uma das personagens centrais da história do cooperativismo do Paraná foi a Extensão Rural. Em 1962, o relatório da ACARPA afirmava:

O homem rural é por natureza isolado, e seus problemas são apenas por ele encarado, criando com isso, barreiras desanimadoras.

Desta maneira, nos princípios apregoados pela Extensão, procura-se mostrar ao homem rural que seus problemas, comuns aos agricultores de uma mesma região, são facilmente resolvidos pela união de esforços. Isto chamamos Associativismo Rural.

No ano de 1962, foram fundadas 3 (três) novas cooperativas nos municípios de Campo Largo e União da Vitória.<sup>17</sup>

Vários eram os problemas vividos pelo agricultor paranaense e, principalmente pela agricultura familiar. Dentre eles, o baixo preço conseguido pelo produtor; a falta de uma infraestrutura de comercialização que abrangesse os setores de transporte, beneficiamento, industrialização e armazenamento da produção, deixando a classe produtora à mercê dos atravessadores; a necessidade de insumos à disposição dos produtores e os elevados custos dos mesmos, causando elevação do custo de produção.

Para o extensionismo rural, representados pelo ETA 15, depois ACARPA e, posteriormente a EMATER, o cooperativismo deveria ser prioridade incentivando a criação de cooperativas, reorganizando as existentes, estabelecendo entrepostos e prestando assistência técnica, creditícia e administrativa aos sócios.

A extensão rural sempre teve um sentido altamente educativo, visando atuar sobre a mentalidade do agricultor e de sua família,

induzindo-o à mudança de atitudes e adoção de novas práticas.

Dentre as dificuldades das equipes de extensionistas estava a de ter que estar em vários lugares ao mesmo tempo. Na prática, nas décadas 1950 e 1960, por exemplo, era impossível aos supervisores atender, na sua área de ação, todos os que requeriam a sua atuação educativa e orientadora:

O extensionista fazia um treinamento para poder estar em contato com o seu público e esse treinamento envolvia, principalmente, os métodos e meios de comunicação. Então, a carta circular, o álbum seriado, o flanelógrafo, então existiam especialistas que ensinavam o pessoal a fazer esse tipo de coisa. E o interessante é que os especialistas que ensinavam eram os agrônomos, agrônomos que se especializaram nesse tipo de coisa para poder transmitir aos seus colegas sua experiência. Então, a gente tinha que procurar fazer as coisas de uma forma mais fácil, de mais fácil entendimento por parte do agricultor e o rádio foi uma grande mola mestra pra isso aí porque você procurava levar dentro da linguagem do produtor. O extensionista era treinado antes de ir para o campo, para o seu trabalho, pra se utilizar desses meios e métodos que possibilitasse ele atingir um número maior de pessoas.

Então quando você procura levar a mensagem até onde está o indivíduo ela assume uma importância muito grande. Ele tem essa necessidade de se informar, mas se informar dentro da sua realidade. Muitas vezes não interessa para ele o que está acontecendo lá no Irã, no Iraque porque isso diretamente não o afeta, ele pensa que não afeta a sua maneira de vida no dia-a-dia, mas ele precisa saber, dentro da sua realidade, aquilo que está acontecendo e o que ele pode melhorar. E quando ele não pode ir em busca da informação ela chegando até ele é importantíssimo, então hoje o rádio

17 ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL DO PARANÁ. Relatório de atividades 1962. Curitiba, 1962.

ainda é, o rádio local ainda é o grande veículo de comunicação.<sup>18</sup>

Era necessário adotar estratégias de comunicação que levassem as informações a um número cada vez maior de famílias rurais. Para isso a Extensão Rural lançou mão de uma metodologia própria caracterizada pelos atendimentos na época chamados de individual, grupal e massal.

Na divulgação dos conhecimentos técnicos foram utilizados os auxílios audiovisuais como cartazes, folders, folhetos, boletins, artigos em jornais, programas de rádio, flanelógrafos, slides, álbum seriado, projeções cinematográficas, e posteriormente produções como Vídeo Rural, “Projeto VER”.

No ano de 1957, grande parte desses auxílios audiovisuais era elaborada pela própria organização, que editou, um total de 17 folhetos, 14 boletins e 3 cartazes, além de um Boletim Mensal de circulação permanente.

Nas décadas posteriores a ACAR-PA/EMATER foi se tornando um dos órgãos integradores da agropecuária paranaense coordenando o Programa Estadual de Exposições e elaborando os calendários anuais de exposições, feiras e festas agropecuárias.

Em meados da década de 1950, um pequeno grupo de extensionistas iniciou uma nova experiência de Extensão Rural no Paraná. O oeste era chamado de “fronteira”, o norte era colonizado pelo café, o sudoeste era ocupado por gaúchos e catarinenses e o sul e leste representavam o chamado Paraná tradicional.

Mais de cinquenta anos depois muita coisa mudou. A agricultura se transformou no agronegócio, a industrialização do Estado é uma realidade e o desenvolvimento sustentável deve ser a referência de qualquer política pública. A Extensão Rural Paranaense foi um fator importantíssimo para essa história. Seu desafio sempre

foi o de criar estratégias práticas e rápidas, se apoiando na troca entre a informação técnica e a realidade e experiência do agricultor. Desenvolvida a partir das experiências norte-americanas, convive com suas permanências e rupturas advindas de outros modelos extensionistas. De qualquer maneira, o resgate histórico de seus primórdios é sempre importante no embate do velho com o novo na construção da agricultura paranaense.

Texto recebido em 1º de março de 2011.

Texto aprovado em 1º de julho de 2011.

18 PINHEIRO, Josué Gomes. Josué Gomes Pinheiro. Curitiba, 25 jan. 2006. Entrevista concedida a Hugo Moura Tavares.